Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

COMO ESCOLHI A CARREIRA DOCENTE: narrativas (auto)biográficas de discentes da graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará - Campus de Altamira

Welitemara da Silva Araújo
wellyaraujojb05@outlook.com

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará (UFPA).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9594-9109

Leonardo Pinto dos Santos
leonardosantos@ufpa.br

Professor da Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Altamira/PA.

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2997-1081

RESUMO

O presente artigo trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo referente as histórias de Vida de cinco discentes que estão cursando licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Pará, com o intuito de entender quais influências os discentes tiveram ao escolher seguir a carreira docente e por que em Geografia, além de compreender a perspectiva deles em ser professor na região Norte, em que existe o componente curricular Estudos Amazônicos que é ministrado por professores de Geografia, e dentre os desafios deste componente é não ter uma graduação para os professores e o livro didático que hoje é disponibilizado não trabalha a nossa região Xingu de forma compreensível para os alunos, tornando o ensino-aprendizagem mais desafiador. Na busca dessas respostas iremos abordar as narrativas (auto)biográficas, a Metodologia Histórias de Vida e o Método de análise Compreensão Cênica, Marinas (2007). A Compreensão Cênica é um método utilizado para interpretação de dados, principalmente no que tange pesquisas de cunho narrativo, buscando entender a historicidade do narrador a partir de cenas. Para este artigo adotou-se também a revisão bibliográfica com assuntos concernente a pesquisa, a fim de compreender sobre as Narrativas (Auto)biográficas, Histórias de Vida, Memórias e Formação Docente, tendo como autores principais: Abrahão (2012), Candau (2011), Josso (2004; 2007), Marinas (2007) e Menezes (2021). Por meio da análise e interpretação das narrativas dos discentes foi possível compreender que na maioria dos casos os discentes escolheram a carreira docente por terem tido professores que lhes motivaram enquanto ainda eram alunos no ensino básico, por terem professores na família e, em outros casos, influência familiar.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia; Formação docente; Histórias de vida; Narrativas (auto)biográficas.

HOW I CHOSE A TEACHING CAREER:
(self)biographical narratives of graduate students in Geography from the Federal University of Pará - Campus Altamira

ABSTRACT

This article is a qualitative research regarding the Life Stories of five students who are studying a degree in Geography at the University Federal of Pará, with the aim of understanding what influences the students had when choosing to pursue a teaching career. and because in Geography, in addition to understanding their perspective on being a teacher in the North region, in which there is the Amazon Studies curricular component that is taught by Geography teachers, and among the challenges of this component is not having a degree for teachers and the textbook that is available today is not Works our Xingu region in an understandable way for students, making teaching-learning more challenging. In search of these answers we will address (auto)biographical narratives, the Life Stories Methodology and the Scenic Understanding analysis method. Scenic Comprehension is a method used to interpret data, mainly regarding narrative research, seeking to understand the historicity of the narrator based on scenes. For this article, a bibliographical review was also adopted with subjects concerning research, in order to understand about (Auto)biographical Narratives, Life Stories, Memories and Teacher Training, with the main authors: Abrahão (2012), Candau (2011), Josso (2004; 2007), Marinas (2007) and Menezes (2021). Through the students' narratives it was possible to understand that in most cases the students chose a teaching career because they had teachers who motivated them while they were still students in basic education and because they had teachers in the family, and in other cases family influence.

KEYWORDS

Geography; Teacher training; Life stories; (auto)biographical narratives.

CÓMO ELEGÍ LA CARRERA DOCENTE:
narrativas (auto)biográficas de estudiantes de grado en Geografía de la Universidad Federal de Pará - Campus Altamira

RESUMEN

Este artículo es una investigación cualitativa sobre las historias de Vida de cinco estudiantes que cursan la carrera de Geografía en la Universidad Federal do Pará con el objetivo de comprender qué influencias tuvieron los estudiantes a la hora de elegir seguir la carrera docente y porque en Geografía, además de comprender su perspectiva sobre el ser docente en la región Norte, en la cual existe el componente curricular de Estudios Amazónicos que es impartido por docentes de Geografía, y entre los desafíos de este componente es no tener una licenciatura para los profesores y el libro de texto que hoy está disponible no está disponible Trabaja nuestra región Xingu de una manera comprensible para los estudiantes, haciendo que la enseñanza-aprendizaje sea más desafiante. En busca de estas respuestas abordaremos las narrativas (auto)biográficas, la Metodología de las historias de vida y el método de análisis de la Comprensión Escénica (Marinas, 2007). La Comprensión Escénica es un método utilizado para interpretar datos, principalmente de investigación narrativa,

buscando comprender la historicidad del narrador a partir de escenas. Para este artículo, también se adoptó una revisión bibliográfica con temas de investigación, con el fin de comprender las narrativas (Auto)biográficas, Historias de Vida, memorias y Formación Docente, con los principales autores: Abrahão (2012), Candau (2011), Josso (2004; 2007), Marinas (2007) y Menezes (2021). A través de las narrativas de los estudiantes se pudo comprender que en la mayoría de los casos los estudiantes eligieron la carrera docente porque tuvieron docentes que los motivaron cuando aún eran estudiantes de educación básica y porque tuvieron docentes en la familia y, en otros casos, influência familiar.

PALABRAS CLAVE

Geografía; Formación docente; Historias de vida; Narrativas (auto)biográficas.

Introdução

Para este artigo trabalhou-se com as narrativas (auto)biográficas de discentes de Geografia em formação da Universidade Federal do Pará, o que pode refletir um significado importante, pois no momento que este sujeito rememora as suas lembranças, passa a entender quais caminhos escolheu até chegar ao professor que em breve estará formado e assumindo uma sala de aula.

Na maioria das vezes a escolha de uma profissão tem algum tipo de influência, afinal nenhuma pessoa escolhe seguir um caminho, seja ele profissional ou não, sem antes ter tido algum contato com a profissão ou contato com alguém formado, que lhe narrou as maravilhas ou os desafios de tal escolha, talvez as condições que vivemos nos faça escolher uma profissão. Quando criança, quem já ouviu a famosa pergunta: o que você quer ser quando crescer? Ou disse a famosa frase, eu quero ser um professor, médico, astronauta, dentista, dentre tantas outras profissões existentes no mundo a fora.

Mas, afinal, como escolhemos qual carreira seguir e como se forma um professor ou professora? Seria a partir da escolha de ser professor em busca de ascensão financeira, do desejo de criança, ou quiçá das relações cotidianas que vivemos diariamente.

O profissional docente tem um papel importante de transformar e formar a sociedade, e mesmo tendo tanta importância, ainda é uma profissão desvalorizada, e dentre os muitos papéis que o uso das narrativas (auto)biográficas tem tido com pesquisas relacionadas ao profissional docente, elas têm o papel de conhecer a história de vida dos professores formados ou em formação, podendo assim potencializar a voz deste docente perante a sociedade, sendo também uma forma de valorizar este profissional.

Quando o profissional docente narra sua história de vida ele se sente com voz ativa para falar da sua profissão de forma que incentive outras pessoas a seguirem a carreira docente, que mesmo sendo tão desafiadora, tem o seu lado positivo e que faz valer a pena. E através dessas histórias de vida, cultura, vivências, saberes e não saberes em forma de experiências vividas diariamente que a gente se reconhece como pessoa e como profissional.

O método (auto)biográfico tem sido utilizado na formação de adultos desde a década de 1980, sendo de forma gradual e conduzida a formação de professores e tantas outras reflexões referentes a diferentes temáticas dentro e fora do campo educacional e mesmo com mais de quarenta anos de presença no campo científico, a sua utilização dentro da Geografia mais especificamente na formação de professores e professoras deste componente curricular, ainda é incipiente dentro do contexto brasileiro.

Esta pesquisa abrange o Ensino de Geografia, Formação de Professores e as narrativas (auto)biográficas, tendo o objetivo entender como os discentes de uma turma de graduação de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Pará, escolheram ser professores de Geografia, quais caminhos e influências o ajudaram nesta escolha, nas narrativas (auto)biográficas eles contaram momentos escolares desde a sua infância, adolescência até o período hodierno estudando na graduação.

No Brasil a pesquisa (auto)biográfica teve grande crescimento e reconhecimento e algumas pesquisas iniciaram a partir dos anos 2000 com os Congressos Internacionais sobre Pesquisa (Auto)biográfico (CIPA). Sua primeira edição ocorreu no ano de 2004, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, organizado pela professora Maria Helena Menna Barreto Abrahão.

> As edições do (CIPA) que reúnem cada dois anos, professores, pesquisadores brasileiros e estrangeiros de instituições de pesquisa, de Ensino e de formação, constituem, de fato, momentos altamente significativos da pesquisa (auto) biográfica internacional, pois permitem dar visibilidade aos trabalhos dos grupos de pesquisa e as experiencias de pesquisa-formação, realizadas em países de Novo e do Velho Mundo (Abrahão, 2012, p. 9).

Quando falamos em método (auto)biográfico no contexto da docência, além de um caminho de pesquisa de cunho importante, estamos nos referindo a um meio de formação pessoal e profissional, que acarreta valorização e reconhecimento deste profissional, dos saberes que irão contribuir para o seu próprio crescimento, seja pessoal ou profissional, quando uma pessoa narra sua própria história de vida, principalmente

para uma pesquisa de viés acadêmica, o narrador aprende com as suas vivências e se sente valorizado por poder compartilha-la.

Compreender o passado para entender o futuro é de suma importância e analisar a vida escolar e acadêmica dos alunos em forma de narrativa (auto)biográfica faz com que eles repensem, pois ao narrar ou escrever sobre sua própria vida, o sujeito faz uma autorreflexão "de si para si e para o outro" (Josso, 2004; 2007), percebendo se está no caminho certo, ou não, tentando ajustar processos inerentes ao ensino e a aprendizagem e isso se dá as rememorações das nossas vivências, enquanto narramos, recordamos das nossas experiências por meio da nossa memória.

A memória trata-se de uma função inteligente no corpo humano, afinal é a memória que nos faz recordar quem somos, o que devemos fazer e o que já fizemos, o que torna a memória importante para o ser humano, e com ela somos capazes de relembrar de coisas antigas, aprender coisas novas, relembrar de sensações e momentos que foram marcantes.

Toda narrativa é formada por memórias, como categoriza Halbwachs (2013), seja ela "individual ou coletiva", elas são seletivas, afinal é quase impossível um ser humano recordar de tudo que viveu ao longo da vida com precisão, as memórias são o que formam a identidade de uma pessoa, afinal as memórias são das vivências, experiências, cultura, sentimento que esta pessoa viveu no decorrer da sua vida.

Para Candau, (2011, p. 22), "as memórias são classificadas em três níveis: protomemória, da memória de evocação e da metamemória", que são descritas da seguinte forma:

> A protomemória seria o próprio senso prático, segundo o qual o passado não chega sequer a ser representado, porque já agiria no corpo, a protomemoria é a memória propriamente dita. Trata-se da evocação ou recordação voluntária. Ela possui extensões, como os saberes enciclopédicos, as crenças, as sensações e os sentimentos, que se beneficiam da cultura de memória que promove sua expansão em extensões artificiais, metamemória, constitui-se naquela forma de memória reivindicada a partir de uma filiação ostensiva. Esta última diz respeito à construção identitária. É a representação que fazemos das próprias lembranças, o conhecimento que temos delas (Candau, 2011, p. 303).

A primeira é a aquela que fazemos involuntariamente, como dar um bom dia ou cumprimentar um amigo que vemos na rua; a segunda é a de evocação que são as recordações involuntárias, como por exemplo sentir o cheiro de um perfume e lembrar de alguém, ou ir a um lugar e recordar do que se viveu ali; a terceira é o que fazemos com essas memórias ou lembranças, pois são elas que irão formar a nossa identidade como pessoa, professor, como ser humano.

Nesta pesquisa a memória que mais apareceu nas narrativas dos discentes foi a Metamemória, pois são as memórias que ajudaram na sua construção identitária deste discente, como por exemplo o que eles fizeram com suas memórias passadas que de alguma forma lhe incentivaram a escolherem a carreira docente, seja memórias passadas de professores, conteúdos ministrados em sala de aula, diferentes contextos que eles viveram e que o ajudaram a se tornar a pessoa e profissional de hoje.

Segundo Pimenta (2002, p. 76), "a identidade não é um dado imutável, nem externo, que possa ser adquirido como uma vestimenta. É um processo de construção do sujeito historicamente situado" e essas construções do sujeito além das suas experiências e vivências partem também das suas memórias, e segundo Josso (2007, 415), "a identidade individual, é, pois, definida a partir de características sociais, culturais, políticas, econômicas, religiosas, em termos de reprodução sociofamiliar e socioeducativa".

O sujeito se constrói de acordo com suas relações sociais, sua cultura, lugares em que convive, e em algumas vezes certas escolhas que fazemos na vida, como por exemplo que profissão seguir, pode ser por influência de alguém, como foi dito em algumas das narrativas dos discentes participantes desta pesquisa, as vezes por curiosidade em conhecer o mundo por meio da Geografia, as vezes uma busca de melhoria de vida por meio de uma graduação. São muitos os motivos que levam alguém a escolher que carreira irão seguir ao longo da vida, e esses motivos foram relatados nas narrativas dos 5 discentes.

Metodologia

Na busca de compreender a identidade pessoal e profissional de discentes que estão cursando a graduação de Geografia em uma Universidade pública no município de Altamira/PA, a turma está prestes a concluir o curso e foi proposto aos discentes que escrevessem suas narrativas (auto)biográficas buscando responder as perguntas centrais: Quais caminhos você percorreu até chegar ao sujeito professor(a)? Como e por que escolheu a profissão docente e por que em Geografia? Quais desafios e perspectivas em ser professor(a) de Geografia na Amazônia? Qual a importância das escolas e do Ensino de Geografia para você? Cada pergunta foi respondida de forma singular por cada discente, afinal cada trajetória e história de vida são consideradas ímpares com suas experiências plurais vividas diariamente.

Em algumas das perguntas centrais a Amazônia foi citada, pois na região Norte, alguns professores que são formados em Geografia, ministram aula no componente curricular Estudos Amazônicos[1], componente curricular que se refere a historicidade da Amazônia e da região Norte. Logo, o professor de Geografia, mesmo não estando totalmente preparado para ministrar tal componente (pois não existe uma graduação de Estudos Amazônicos), acaba tendo que ministrar mesmo assim, inovando da melhor forma para que os alunos compreendam os objetos de conhecimento trabalhados em sala de aula.

Sobre a realidade e desafios da vida docente Lopes (2023, p. 11) afirma que "a realidade educacional é complexa, envolve diferentes escalas e inúmeros fatores, muitos destes estruturais, os quais escapam à simples intenção e vontade do docente", percebemos o quão é desafiador ser professor na Região Amazônica.

Os professores que estão se formando em Geografia e que participaram desta pesquisa, em algum momento da sua vida se optarem por serem professores na rede municipal ou privada de Altamira/PA terão que ministrar aula em Estudos Amazônicos, pois de acordo com o Documento Municipal de Lotação[2], dentre os professores que são habilitados para ministrar aula no componente, os de Geografia estão na lista.

Para este trabalho adotou-se o caminho metodológico de revisão bibliográfica com assuntos concernentes ao trabalho, a fim de compreender sobre as narrativas (auto)biográficas, histórias de vida, memórias, formação docente e Compreensão Cênica, tendo como referências principais: Josso (2004; 2007), Abrahão (2012), Menezes (2021), Candau (2011), Santamarina; Marinas (1994; 2007).

Para além da revisão bibliográfica, propomos a análise das narrativas (auto)biográficas de licenciandos que estão no momento de conclusão do curso de Geografia, na Universidade Federal do Pará, para a produção da pesquisa aqui exposta. A pesquisa é de cunho qualitativo, pois as informações foram por meio da coleta e interpretação de narrativas (auto)biográficas dos discentes de Geografia, a coleta das narrativas foi feita por escrito, por meio de um roteiro de perguntas, em que os discentes

[1] O componente curricular Estudos Amazônicos foi criado a partir da Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.494/96 que busca explanar os conhecimentos, gerais, culturais, sociais dentre outros contextos de cada região do país, a partir do eixo que se chama da parte diversificada, buscando repassar aos alunos a importância de conhecer a região em que se vive e faz parte do currículo da rede de ensino pública e privada do Pará, é obrigatório do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental.

[2] Art. 23 A lotação de professores para atuação no Ensino Fundamental será feita considerando cada etapa de ensino - Anos Iniciais e Anos Finais: a) Licenciado Pleno em Geografia; b) Licenciado Pleno em História; c) Outros profissionais que comprovem carga horária mínima de 160 (cento e sessenta) horas no componente curricular a ser ministrado; e d) Acadêmicos que comprovem estar cursando o último ano da licenciatura em Geografia (Altamira, 2024, p. 10).

responderam de forma que conhecemos quais caminhos eles percorreram até chegar na escolha de ser docente de Geografia.

Assim como no livro "Como nos tornamos professoras", da autora Fontana (2003), em que ela analisa as histórias de vida de seis professoras e é relatado que em todas as seis narrativas foram encontradas semelhanças em determinados pontos, como: influência da família, na formação escolar, na condição de ser mulher, na constituição profissional dentro da docência e as escolhas e aprendizados, aqui se buscará entender como os cinco discentes em Geografia escolheram esse seguimento profissional eles tiveram na escolha de seguir a carreira docente em Geografia.

Após os discentes me enviarem suas narrativas por escrito via e-mail foi feito a leitura com atenção as informações escritas, mapeando e analisando cada parte do texto, a fim de encontrar semelhanças entre os escritos e entender quais as influências eles tiveram ao escolher a profissão docente e porque Geografia.

No total foram doze narrativas dos discentes, sendo sete mulheres e cinco homens com idade média de 20 a 45 anos estudantes da mesma turma, os discentes já estão com mais de 50% do curso concluído e em breve estarão em sala de aula, mesmo em meio às dificuldades, pois a turma é noturna e a maioria dos discentes trabalham durante o dia e chegam cansados na aula. Através das narrativas foi possível perceber o desejo deles de continuar estudando e ter uma formação, das doze narrativas foram escolhidos somente cinco para participar desta pesquisa, pois foram os que responderam às perguntas de forma mais detalhada, sendo duas mulheres e três homens.

A partir da palavra dada (Marinas, 2007) que é uma escuta sensível (Josso, 2016) e atenciosa neste caso em cada palavra escrita, no momento que os discentes do curso de Geografia escreveram suas histórias de vida eles mencionaram séries de acontecimentos da vida cotidiana que foram importantes no decorrer da sua existência e que o fizeram chegar ao sujeito que é no período hodierno.

Os discentes relataram alguns momentos da sua trajetória de vida, quais caminhos da vida pessoal e escolar percorreram e como chegaram na graduação de licenciatura em Geografia. Para interpretação das narrativas foi utilizado o Método de análise Compreensão Cênica de Marinas (2007), este modelo de análise foi utilizado por Abrahão (2004) em suas pesquisas (auto)biográficas. A Compreensão Cênica é dividida por cenas em que cada uma expressa seus significados como é exposto abaixo:

> A primeira (E1) é a que reúne [no processo de] escuta, o narrador e o entrevistador. Nela ocorrem fenômenos que remetem tanto à lógica do íntimo (transferência) como a das condições sociais e discursivas (reprodução ou

> ruptura do discurso dominante e inovação). As cenas 2 são as que formam parte da vida cotidiana de quem narra, suas posições como emissor e receptor atravessam de volta à cena 1 na medida em que nela se atualizam. Nesse jogo entre as cenas 1 e 2 dá-se o possível passo ou emergência das cenas reprimidas ou esquecidas (Abrahão, 2023, p. 8).

As narrativas (auto)biográficas permitem que tanto o narrador quanto o ouvinte reflitam sobre momentos e fatos que foram marcantes no decorrer da vida e cabe ao ouvinte/leitor saber interpretar o fato narrado/escrito, momento em que se encaixa a palavra dada formando a Cena 1 que se refere ao momento de enunciação, instante em que o narrador se apresenta voltando nas suas memórias, suas origens, a Cena 2, que se refere as vivências da vida cotidiana, é exposta quando o entrevistado conta momentos que foram importantes, vivências na escola, pessoas que conheceu, professores, família.

Ao relatar sua própria vida o narrador se reconstrói a partir de uma relação intrapessoal e interpessoal consigo mesmo e com os outros, momento em que aparecem as memórias individuais e coletivas, revendo e revivendo suas práticas através das memórias e se está caminhado corretamente ou se precisa se ressignificar como pessoa, como profissional, na sua formação.

A partir da conversação narrador e ouvinte podem surgir as memórias que *a priori* eram consideradas esquecidas ou reprimidas sendo entendidas como Cena 3, sendo considerada a cena mais difícil de compreender, pois são as que não ficam explicitas nas falas, mas sim por gestos corporais que aparentam nervosismo, lágrimas, estralar de dedos, balançar das pernas e no caso desta pesquisa é mais difícil de compreender, pois as histórias de Vida foram escritas pelos discentes e enviadas por meio de E-mail para que eu pudesse fazer a leitura, então eu não consegui identificar as emoções por meio de gestos dos discentes, mas em algumas palavras ou fatos que foram escritos.

A Compreensão Cênica de acordo com Marinas (2007) é classificada por quatro polos importantes que são o dizer do todo, o silêncio, a palavra plena e a palavra vazia, cada um desses polos expressa de forma única a fala do narrador de forma que com a escuta atenta do ouvinte ele saiba identificar o que o narrador tenha a dizer até mesmo no seu silêncio, apenas com expressões. Deixar o narrador a vontade para responder é um ponto chave para que a historicidade da sua vida flua de forma tranquila, momento em que as três cenas podem surgir espontaneamente e sem interrupções, nos fazendo entender suas escolhas pessoais e profissionais.

Como escolhi ser professor(a) de Geografia - narrativas (auto)biográficas dos discentes

Ao fazer a leitura do material dos discentes foi possível perceber que eles tiveram que rememorar lembranças do período escolar de quando ainda eram crianças, adolescentes e são memórias consideradas importantes e que ajudaram na formação do sujeito como pessoa e licenciando em Geografia. Segundo Menezes e Costella (2021, p. 20), "[...] ao serem partilhadas, as narrativas (auto)biográficas de professores em formação, também provocam reflexões e inquietações naqueles que as ouvem ou as leem", pois quando a pessoa narra sua história de vida ela busca reflexões que podem trazer ressignificações, refletindo nas suas práticas tanto no seu pessoal quanto no profissional, e acaba envolvendo quem está sendo ouvinte ou leitor de tais narrativas.

Quando um sujeito se torna professor é quase impossível dissociar o pessoal do profissional como discorre Nóvoa (1992, p. 15) quando diz que [...] "o professor é uma pessoa e uma parte importante da pessoa é o professor". A escolha da carreira docente pode estar atrelada a muitos acontecimentos e seguimentos que aconteceram na vida de uma pessoa com o passar dos anos e se formar professor de Geografia é uma corrida infinita em busca de conhecimento teórico na graduação para que se tenha uma boa prática quando ir para a sala de aula, ou pelo menos que sirva de base, prática esta que com o passar dos anos em sala de aula vai se aperfeiçoando com mais estudo e experiência do professor.

> [...] O papel do professor de Geografia, considerando a função social da escola de humanizar as pessoas, de preparar para o mundo da vida, prepara-as também para a leitura do mundo, através dos conceitos, das categorias, das relações que a Geografia, de maneira crítica e contextualizada, pode propor na formação dos sujeitos [...] (Copatti, 2020, p. 91).

As narrativas (auto)biográficas de professores em formação podem contribuir como uma autorreflexão, fazendo com que eles pensem e repensem a escolha, se podem fazer algo diferente para que seja um bom professor, mas afinal o que é ser um bom professor? Talvez seja o exemplo que temos de inspiração de quando estudava na escola ou até mesmo na graduação, na verdade não tem como sabermos, pois o que é considerado bom para uma pessoa pode não ser bom para outra, pois os seres humanos têm realidades e perspectivas diferentes. Sobre isso a autora Maria Isabel Cunha, autora do Livro "O Bom Professor", discorre que:

> […] O aluno faz a sua construção própria de bom professor, mas, sem dúvida, esta construção está localizada num contexto histórico-social. Nela, mesmo de forma difusa, ou pouco consciente, estão retratados os papéis que a sociedade projeta para o bom professor. Por isto ele não é fixo, mas se modifica conforme as necessidades dos seres "humanos" situados no tempo e no espaço[...] (Cunha, 1989, p. 64).

O bom professor pode ser visto de diferentes maneiras, dependendo do contexto histórico em que vivemos e da maneira em que nos relacionamos com as pessoas. As narrativas servem também de inspiração para outros professores, afinal ler ou ouvir as narrativas dos desafios e perspectivas da profissão docente, é uma forma do professor ser ouvido e valorizado narrando sua história de vida.

Diante disso, se formos refletir sobre o primeiro dia de aula, seja na escola, graduação ou em outro curso, os professores pedem que nos apresentemos de forma breve, mas de forma que contemos parte da nossa história de vida: quem somos, o que e onde já estudamos, quais as perspectivas de estar naquele curso; assim como ele também faz uma apresentação de quem ele é. Sobre isso Vallerius (2017, p. 18) discorre que [...] "somos todos produtos vivos de nossas experimentações, ações, reações e escolhas diversas e que trazemos no âmago de nossa gênese: lembranças, frustrações, posições", e todas essas experimentações vividas ao longo da vida, podem refletir na profissão que escolhemos seguir.

Dando início as falas cinco discentes, a discente Pérola-1[3] narrar sua história de vida respondendo a primeira pergunta: Quais caminhos você percorreu até chegar ao sujeito professor(a)? Ela rememorou momentos da sua infância, adolescência e vida adulta, momentos importantes que a tornaram a pessoa e profissional de hoje, e ela relatou que:

> A minha vivência escolar iniciou na década de oitenta, o ano era 1986, eu estava com sete anos de idade, meu primeiro acesso a escola foi na Escola estadual de primeiro grau Flores da Amazônia Km 95 Sul Medicilândia/Pará no pré-escolar, lembro-me da minha primeira professora a tia lika, sim minha tia ela era irmã do meu pai, ela era professora do pré-escolar, estudei nessa escola até concluir a 3ª série, na primeira série minha professora também era uma outra tia uma senhora distinta. A estrutura da escola era precária aja visto que foi construída na abertura da transamazônica (década de 70) e até então não havia passado por nenhuma reforma, lembro-me que um dia correndo pelos corredores pisei em uma tábua que quebrou e fiquei presa na fresta do assoalho onde sofri uma lesão com um prego. Em 1990 finalmente na terceira série, consegui aprender a ler, depois de muito choro, diante desses entraves na minha vida de estudante. Enfim, neste mesmo ano aprendi a ler e escrever, nossa que alegria em escrever minha primeira carta para dizer para minha tia lá em Uruará que eu já sabia ler, sim, era aquela tia la do pré-escolar, ela mudou

[3] Os discentes participantes da pesquisa assinaram eletronicamente um termo de consentimento e neste termo dentre algumas informações, estava informado que neste trabalho seriam usados nomes fictícios. O nome Pérola 1,2 e 3 são as mulheres e foi escolhido pois Pérola Alice se trata da primogênita da primeira autora do artigo e para os homens foi usado o nome Mar 1, 2 e 3 para combinar com o nome Pérola.

> de cidade para dar continuidade nos estudos, concluiu o primeiro grau, fez o magistério e atualmente é pedagoga. Por fim, em 1998 conclui o Ensino Médio na Escola Estadual de 1º e 2º Polivalente no município de Altamira. No ano seguinte fiz o vestibular para pedagogia, mas não tive êxito na segunda etapa, ou seja, na prova de redação. Após não conseguir êxito no vestibular, fiz um curso técnico de enfermagem, também constitui família, passei no concurso público na secretaria municipal de saúde de Altamira/ Pará. Somente em 2022 por influência do meu esposo pedagogo, mestre em educação que fiz o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e consegui ingressar no curso de licenciatura de Geografia na Universidade Federal Do Pará "A Maior do Norte".

Em seu relato é possível ver a vontade da discente de estudar em busca de melhoria para o futuro, mesmo em meio a tantas dificuldades em morar no interior da Região Xingu, na cidade de Medicilândia/PA, desde a infraestrutura da escola, levando a discente a se machucar devido a precariedade da escola, aos desafios de casa, neste momento é possível perceber a Cena 1, pois ela volta as suas origens para contar sua história de vida, quando relata momentos com suas tias, momentos vividos nas escolas e suas experiencias negativas e positivas.

A discente relata bem detalhado os seus momentos desde o início a sua vida escolar na Educação formal e desde o começo já tem influência familiar, pois teve duas tias como professoras, e alguns anos depois mesmo com outra formação por influência do esposo que é pedagogo, decidiu ingressar no curso de licenciatura em Geografia, neste momento percebemos a Cena 2 que se remete a vida cotidiana, seja no seu passado ou presente. A Cena 3 não aparece em gestos, mas aparece em palavras como choro pelas dificuldades em aprender a ler e escrever e depois a alegria, por conseguir fazer sua primeira leitura e escrever sua primeira carta para a sua tia que tanto lhe incentivou.

Na história de vida de qualquer pessoa é comum os momentos serem diferentes e existir os momentos bons, ruins, tranquilos e desafiadores, em lugares e realidades diversas. É perceptível a admiração da discente pelas professoras que eram suas tias no início da vida escolar, servindo-lhe de inspiração, e mesmo com tantos desafios na vida escolar ela conseguiu concluir a Educação Básica, se formar, passar em um concurso de enfermagem e ingressar novamente em um curso, mas dessa vez em uma licenciatura em Geografia, seguindo um rumo diferente da primeira formação.

Ainda da narrativa da discente Pérola-1 respondendo à pergunta: Como e por que escolheu a profissão docente e porque em Geografia? Ela discorre que:

> A escolha pela profissão docente se deu pelo desejo de contribuir com a educação da sociedade, incentivando os alunos da melhor forma. Ensinar também e aprender. A profissão docente é uma das principais profissões, pois contribui para a formação e o desenvolvimento dos indivíduos, através do seu

> conhecimento e vivência adquirida ao longo da sua formação, além de contribuir incentivando, praticando de forma compreensiva e motivadora, buscando cada vez mais conhecimento naGeografia e áreas afins, aprofundando nas pesquisas para construções de novos saberes e a utilização deste conhecimento (Pérola-1).

No desejo e busca de aprender, ensinar e contribuir com a educação dos alunos a discente Pérola-1 optou pela área da Educação, pois considera "*uma das principais profissões"* e optou pela Geografia por considerar uma ciência importante na compreensão na relação sociedade-natureza e de compartilhar tal conhecimento que vem sendo agregado em si com as disciplinas que são oferecidas na faculdade de Geografia.

Ainda da narrativa da discente Pérola-1 respondendo à pergunta: Qual a importância das escolas e do Ensino de Geografia para você? Ela discorre que:

> A escola cumpre um importante papel na formação do indivíduo em sua integralidade, saber auxiliar suas concepções de mundo, a compreensão as transformações e processos que ocorrem através da interação dinâmica no espaço que os rodeia, compreendendo sua responsabilidade pelo mundo e pelas as mudanças que se fazem necessárias. O professor é parte fundamentalna formação do estudante. Desse modo um bom profissional comprometido com a educação requer uma formação crítica dos sujeitos, como é o caso da Geografia (Pérola-1).

Essa pergunta foi baseada no texto "Para que servem as escolas" do autor Michael Young e para Young (2007, p. 1294), [...] "as escolas capacitam ou podem capacitar jovens a adquirir o conhecimento que, para a maioria eles, não pode ser adquirido em casa ou em sua comunidade, e para adultos, em seus locais de trabalho". Tanto a Escola quanto o professor têm papel fundamental na/para a sociedade, e a profissão docente mesmo sendo uma profissão desvalorizada pela sociedade merece ser vista com bons olhos e com respeito por todos, pois compartilhar e trocar saberes dentro e fora da sala de aula serve para o crescimento pessoal e profissional do professor e do aluno além de todo corpo escolar que se relacionam.

A discente Pérola-1 respondendo à pergunta: Quais desafios e perspectivas em ser professor(a) de Geografia na Amazônia?

> Os maiores desafios dos professores no mundo contemporâneo são a falta de recursos, os professores têm que ir de encontro as novas tendências que são apresentadas nesse novo mundo se adequando aos novos métodos tecnológicos. Contudo o desenvolvimento desse discente seja ele criança, adolescente ou adulto tem que ser visto do contexto em que vive, contexto social e cultural, além da baixa remuneração e precarização, desvalorização do trabalho docente. Ser docente na região Amazônica é mais desafiador ainda, em virtude das dificuldades de acesso as localidades mais distante, como as áreas ribeirinhas. Embora tenhamos muitos desafios a carreira de professor é

> umas das mais bonitas e inspiradoras que existem e é responsável por formar todas as outras profissões existentes (Pérola-1).

Em resposta a esta pergunta acima a discente foca em um ponto que muitos professores se sentem desamparados ao ir para uma escola, sala de aula que é a falta de recursos, o mundo tecnológico tem avançado cada dia mais, mas na maioria das vezes esse avanço não adentra os muros escolares, a valorização do professor, a baixa remuneração, as muitas horas trabalhadas e no caso da região Amazônica a precariedade em ministrar aula em escolas que atendem o público indígena ou ribeirinhos, aqui finalizamos a história de Vida da discente Pérola-1 e iremos conhecer a história de vida da discente Pérola-2.

Na narrativa da discente Pérola-2 que se encontra a seguir também temos questões da vida pessoal e escolar e sobre a escolha pela carreira docente. Ao responder as perguntas: Quais caminhos você percorreu até chegar ao sujeito professor (a)? como e por que escolheu a profissão docente e porque em Geografia? Ela relata que:

> No decorrer da minha vida estudantil, eu tive dois professores que marcaram minha trajetória como estudante, ambos são professores de Geografia, a professora Eliana no Ensino fundamental e o professor Berto no Ensino Médio. A professora Eliana, não me marcou de uma forma positiva, ela era uma excelente professora, porém ela não acreditou na minha capacidade em desenvolver uma atividade de Geografia que ela havia passado para eu fazer.
> O Canal do Panamá marcou minha trajetória escolar no Ensino Fundamental, esse era o tema do meu trabalho, eu teria que estudar o capítulo do livro de Geografia, no caso o Canal do Panamá e fazer um resumo a respeito dele. Eu fiz aquele trabalho com tanto entusiasmo porque eu consegui entender finalmente aquele assunto. Entreguei a atividade para ela toda entusiasmada, com a certeza de que eu tiraria uma ótima nota, porém quando ela avaliou o trabalho, disse que eu tinha colado e praticamente me reprovou.
> Mas foi através desse trabalho decepcionante, que a Geografia se abriu para mim, a partir deste momento meu interesse pela Geografia nasceu. Eu lembro que estudando o Canal do Panamá eu senti um encanto, porque a forma que o autor escreveu a história da construção do Canal do Panamá era diferente aos meus olhos. A meu ver esse encanto foi devido eu finalmente ter entendido um assunto em sala de aula.
> Então quando cheguei no Ensino Médio, eu estava completamente perdida, eu não entendia como tinha chegado àquela fase do "jogo". E foi durante as aulas do professor Berto, nas quais ele tentava abrir os olhos dos alunos para a realidade da política do nosso país e o porquê de tanta pobreza no Brasil, que comecei a me encontrar. Ele era um defensor feroz dos direitos iguais e a forma como ele falava, com tanto vigor, chamava muito a minha atenção. Foi nesse período, que eu comecei a entender um pouco de como funcionava a política brasileira, e então, a partir daquele dia em diante me tornei uma pessoa crítica a respeito de tudo. (Pérola-2).

Os professores que temos no decorrer da vida escolar marcam a vida do aluno de forma positiva e de forma negativa, fazendo com que ele se interesse ou não pelas aulas, o que ocorreu com a Pérola-2. Ela teve dois professores que marcaram de maneiras diferentes, sobre isso Menezes (2021, p. 101) reflete que [...] "as memórias podem ser

positivas e/ou negativas, mas elas se fazem presentes, pois marcaram o sujeito em suas emoções". É quase impossível que um aluno depois de tantos anos em sala de aula não ter um professor que lhe tenha inspirado, influenciado ou motivado em algo ou até mesmo um professor que fez com que você não optasse pela carreira docente.

No relato da discente Pérola-2 ela relembra de dois momentos importantes na sua formação enquanto pessoa e escolha da profissão docente em Geografia, nos seus relatos percebemos a Cena 1 quando ela relembra de momentos enquanto aluna da educação básica, docentes que o influenciaram de formas diferentes, e de escolhas de vida devido a influência desses professores, a Cena 2 entra em ação, pois ela nos conta um pouco da sua vida cotidiana e acontecimentos que a fizeram escolher a carreira docente, relatando importância em cada momento vivido, tanto nas falas da Pérola-1 quanto nas falas da Pérola-2 percebemos a presença da Metamemória, que são aquelas memórias que contribuem na construção da identidade de uma pessoa.

É possível observar através da narrativa da Pérola-2 que a escola sempre foi um lugar desafiador para ela, mas que conseguiu se inspirar em um professor de Geografia que lhe fez ter um olhar crítico dos acontecimentos políticos no Brasil, e usou a crítica da outra professora que não acreditou no seu potencial a seu favor, e isso é plausível, usar uma crítica que não foi construtiva para o seu crescimento pessoal e hoje profissional, pois escolheu seguir a careira docente em Geografia.

Sobre a escolha da carreira docente e porque em Geografia, a discente Pérola-2 narrou:

> Eu digo não escolhi essa profissão, foi ela quem me escolheu, à docência é como já me disseram minha vocação, talvez seja isso, porque tenho facilidade em falar em público. O fato é, que vivi grande parte da minha vida fugindo da docência, e o intrigante é que vivi a maior parte dela ensinando, mas eu não considerava como docência. Durante muitos anos frequentei a igreja evangélica e todo o período em que estive lá, fui professora de crianças e adolescentes. A Geografia não foi minha primeira opção de curso, quando mais jovem pensava em cursar arquitetura, tenho uma certa paixão pela construção. Mas, os testes vocacionais que eu fiz, todos testaram para a área do Ensino. Porém nunca aceitei esse "chamado", isso explica o fato de só agora, eu estar cursando o Ensino superior (Pérola-2).

Sobre vocação docente e fazer trabalho missionário no livro "Como nos tornamos professoras", Fontana (2003, p. 15) uma das participantes da pesquisa do livro discorre que:

> Não somos missionarias- as vezes conseguimos nos lembrar disso- não somos lindas e chiques, não somos boazinhas, não demos e não daremos conta de salvar a Humanidade ("Sem educação não há salvação"), sequer a humanidade

> dos alunos e de nós mesmas. Não somos o que o discurso religioso ou o discurso moderno nos ensinou que deveríamos ser. E se não somos isso e se não temos nenhum reconhecimento social (para não falar em salário) disso que somos dia a dia, concretamente quem somos afinal? Todo mundo ajuda a construir uma certa imagem ..., mas quem mora nela somos nós. (Eliane Marta Teixeira Lopes - *de Helenas e de professoras)*.

A profissão docente é vista de várias formas pela sociedade, mas só quem sabe o ser docente é quem está dia a dia na sala de aula com os alunos, vencendo cada obstáculo em ser professor em um país que deixa a educação quase em último lugar, como se não tivesse importância, são escolas com uma infraestrutura ruim, muitas horas de trabalho dentro e fora da Escola, salário baixo, dentre outros problemas.

A verdade é que quase ninguém levanta a bandeira para defender a classe a não ser o próprio docente, e isso é porque a maioria da sociedade que desvaloriza o professor já precisou, precisa ou precisará de um profissional docente que lhe ensine algo, afinal ("Sem educação não há salvação"), sequer a humanidade dos alunos e de nós mesmas.

Sobre a pergunta: Quais desafios e perspectivas em ser professor(a) de Geografia na Amazônia? Pérola-2 narra que:

> Ser professor trata-se até um ato heroico, porque a sociedade é o próprio obstáculo para um professor exercer sua profissão com êxito. E ser Professor na Região Amazônica é um ato de coragem, porque os obstáculos e desafios se tornam gigantescos. É uma Região geograficamente imensa com falta infraestrutura nas estradas, para o deslocamento entre os municípios, e para zona rural os obstáculos triplicam, porque praticamente não existem estradas para o deslocamento dos professores. Um professor que leva onze dias para chegar até uma localidade para dar aula, e muitas vezes ao chegar lá, se depara com uma realidade inimaginável, com escolas sem nem uma infraestrutura, isso quando tem uma escola. Tem que amar muito docência para não desistir. Considero à docência uma profissão primordial, porque sem um docente nós não estaríamos agora rendendo e compartilhando conhecimento. Infelizmente é uma das profissões mais desprestigiadas, porém, ela é essencial para a formação de qualquer ser humano (Pérola-2).

Ser professor na Amazônia Paraense (Altamira) é desafiador pelos diferentes povos que habitam neste território, além da infraestrutura da cidade e das escolas. Há na região uma falta de investimento para a formação continuada dos professores, o professor não recebe uma formação adequada para ensinar tal diversidade de povos aqui existentes, existem localidades que os professores precisam passar muitos dias viajando de barco ou de carro para chegar ao lugar, e na maioria das vezes sem nenhuma estrutura e em alguns casos nem prédio físico escolar existe, como por exemplo em algumas aldeias.

Sobre isso Fontana (2003, p. 49) discorre que "[...]o sujeito é produto da herança cultural, da história. Vivendo, contribui para o curso da história, ao mesmo tempo em que é por ela condicionado". O professor está em constante tempo de aprendizado e de

desafios para dar conta dos obstáculos que vem junto com o título de professor e professora nortista.

Respondendo à pergunta: Qual a importância das escolas e do Ensino de Geografia para você? A discente destacou que:

> A escola desempenha um papel fundamental na sociedade, sendo de grande importância por razões que vai além da educação em si, bem como, também no desenvolvimento pessoal, social e cívico do aluno. É lugar de Socialização, a escola se torna um ambiente onde os alunos interagem com colegas, professores e funcionários em Geral. Isso é essencial para o desenvolvimento de habilidades sociais, pensamento crítico, empatia e compreensão do espaço vivido. O Ensino Geográfico é uma parte essencial do currículo escolar, pois oferece uma compreensão crítica do mundo em que vivemos. Ajuda os alunos a entender o mundo ao seu redor, incluindo sua localização, paisagens naturais e culturais, e as interações entre pessoas e o ambiente. Isso é crucial para a formação de cidadãos informados (Pérola-2).

A fala da discente Pérola-3 vai de encontro com o pensamento da Menezes (2019, p. 203) quando ela diz que [...] "as memórias de escola e de universidade exercem um papel relevante na constituição da identidade docente e na condução das práticas pedagógicas dos sujeitos professores, seja de escola ou de universidade". A constituição desta identidade está na inteiração e socialização dos alunos com os professores, colegas e corpo escolar em geral.

Sobre as narrativas do discente Mar-1, também seguimos cheios de inspirações e influência familiar na escolha da carreira docente, respondendo à pergunta: Quais caminhos você percorreu até chegar ao sujeito professor(a), como e por que escolheu a profissão docente e porque em Geografia?

> Minha família é composta por professores das áreas de Matemática, Educação Física e Geografia. Portanto, estou basicamente seguindo os passos deles. Minha escolha por estudar Geografia foi influenciada pelas viagens ao interior, navegando pelos rios e contemplando as belas paisagens. Essas experiências despertaram minha curiosidade para compreender como e por que essas paisagens se formavam (Mar-1).

O discente Mar-1 foi bem preciso em sua resposta sobre a escolha da profissão docente, ele tem na família exemplo de professores de diferentes áreas dentre elas a Geografia, somos frutos das nossas escolhas, mas também somos influenciados pelo nosso círculo familiar em algumas vezes e no caso do discente Mar-1, além de ter professores na família foi influenciado pela beleza regional que lhe cercava e aguçou a curiosidade de saber mais sobre o lugar em que morava, Cena 1 e 2 se entrelaçam na sua fala, pois ele foca sobre a questão familiar (suas origens, momento da enunciação) e

sobre suas vivências cotidianas relacionadas ao meio em que vive e que busca compreender por meio da Geografia.

Sobre a pergunta: Quais desafios e perspectivas em ser professor(a) de Geografia na Amazônia? O discente Mar-1 discorre que:

> Antes de abordar as dificuldades enfrentadas ao ser um professor de Geografia na Amazônia, é importante destacar que somos privilegiados por estarmos inseridos nesse ambiente que proporciona uma dinâmica única. Acredito que seja o desejo de qualquer professor ter a oportunidade de estudar essas dinâmicas na Amazônia. No entanto, não podemos ignorar os desafios que enfrentamos, que incluem a falta de acesso a alguns lugares, a escassez de livros específicos para nossa Região, a carência de estruturas adequadas para o Ensino e a ausência de recursos para tornar o aprendizado de Geografia mais prático, saindo da sala de aula e tornando-o mais dinâmico. Essas dificuldades se aplicam tanto à zona rural quanto zona urbana (Mar-1).

A carreira docente não é fácil, mas tem os seus prazeres e por este motivo não podemos desistir da Educação, ingressar em uma faculdade, passar anos estudando e se preparando para enfrentar uma sala de aula e seus desafios. Ser professor na Região Norte tem suas vantagens, temos aqui uma das maiores floresta do mundo como casa, rios, igarapés, nosso município Altamira/PA é banhada pelo Rio Xingu, um dos afluentes do Rio Amazonas, pontos belos que podemos explorar para uma aula de campo enriquecedora para os alunos, mas que apesar disso os desafios não são inexistentes.

Em relação a pergunta: Qual a importância das escolas e do Ensino de Geografia para você? O discente discorre que:

> A escola desempenha um papel fundamental e indispensável no desenvolvimento do ser humano. A Geografia, por sua vez, desempenha um papel essencial na formação de cidadãos mais conscientes e informados. Através do estudo da Geografia, podemos adquirir um entendimento profundo do nosso próprio país, mesmo sem sair de casa. Além disso, ela nos ensina a importância da reciclagem e das fontes de energia renovável, que são cruciais para o nosso futuro. A Geografia nos permite analisar o nosso passado e, ao mesmo tempo, criar metas para o futuro por meio de estatísticas. Portanto, é difícil conceber uma escola onde o Ensino da Geografia não seja considerado como um componente central do conhecimento. Ela desempenha um papel vital na formação de cidadãos bem-informados e conscientes, capazes de enfrentar os desafios do mundo moderno com um entendimento sólido e crítico (Mar-1).

De fato, é quase impossível pensar uma escola em que não se estude o componente Geografia, pois é um componente que se relaciona com os outros, torna quem a estuda um pensador crítico e capaz de dialogar sobre qualquer assunto referente a sociedade, vivencias, passado, presente e refletir em como poderá ser o futuro.

Com relação a pergunta feita ao discente Mar-2 que se refere a ele responder: Quais caminhos você percorreu até chegar ao sujeito professor (a)? Mar-2 narra que:

> Durante minha vida escolar sempre estudei em instituição pública no município senador José Porfírio/PA, onde primeiramente frequentei a Pré-Escola, a EMEI São Francisco de Assis. Depois disso, fui para a Escola Municipal de Ensino fundamental Jorge Queiroz de Moraes Neto, onde passei os meus quatro (4) anos do Fundamental menor. Estudei o fundamental maior na EMEF Rosa Alvarez Rebelo, ali, tive professores que me influenciaram e que me colocaram a pensar na alternativa de um dia ser um professor. Mas também sempre gostei da área ambiental, de modo que a minha primeira alternativa era cursar uma Engenharia Ambiental.
> No Ensino Médio, encontrei os professores que eu admirava pelas suas formas de conduzir a aula, de explicar o conteúdo, lá aprendi a fazer redação e fui bastante informado pelos professores durante as aulas, nos principais conteúdos que seriam trabalhados no Enem. Em 2018, no terceiro 3º ano do Ensino Médio fiz o Enem, desse modo, consegui obter nota para cursar Matemática no estado de Mato Grosso, onde não era minha pretensão, devido ser bem distante. Então em 2019, fiz o Enem outra vez e joguei as notas para os cursos que a UFPA disponibilizava, onde a Geografia me encontrou (Mar-2).

Em sua narrativa a Cena 1, momento de apresentação aparece de forma bem organizada quanto aos caminhos percorridos desde os seus primeiros momentos na escola, voltando as suas memórias escolares desde criança até adulto, relembra dos professores com admiração e afeto, sua memória é organizada quanto aos fatos que aconteceram na sua vida, rememora momentos que contribuíram na sua identidade pessoal e profissional, na sua primeira tentativa de ingressar em uma universidade escolheu o curso de Matemática, mas não conseguiu cursar , no próximo ano optou pela Geografia na UFPA na cidade em que morava, e ele diz que "*Geografia me encontrou"*. E isso é importante, estudar ou trabalhar em algo que gostamos, torna tudo mais prazeroso.

Respondendo à pergunta: Como e por que escolheu a profissão docente e porque em Geografia? O discente Mar-2 responde da seguinte forma:

> Por influência do professor de Geografia que sempre achava interessante e por eu gostar mais da área da educação. E foi por estes motivos que escolhi a profissão, por admirações nos professores e pela influência da minha irmã que é pós-graduada na área de ciências da natureza, pelo curso de Educação no Campo, pela UFPA. Deste modo, a Geografia apareceu para mim na forma que eu menos esperava, mas que ao passar do tempo quando eu fui estudando as disciplinas fui entendo a importância da Geografia para a sociedade. A Geografia tem um papel muito importante no contexto social, de entender a dinâmica do espaço geográfico, as transformações que constantemente estão sendo cada vez mais visíveis. (Mar-2).

Além dos professores que fizeram parte da trajetória de escolarização, o discente Mar-2 também teve influência da sua irmã que é formada em Educação do Campo, ou seja, somos influenciados ou seguimos o exemplo das pessoas que nos cerca, seja através do modo de agir, de ser e até no momento de escolher um curso se profissionalizar e seguir carreira.

Ao responder sobre a pergunta: Quais desafios e perspectivas em ser professor (a) de Geografia na Amazônia? O discente Mar-2 narra que:

> Os desafios da prática docente na Amazônia se dão pelas dificuldades do acesso às escolas principalmente as do campo onde tanto para o professor quanto para o aluno se tornar algo dificultoso. Assim, se torna um desafio desprovido dos problemas que são encontrados como: a falta de recursos para a melhoria do Ensino-aprendizagem, merenda, transporte, estrutura escolar dentre outros. Um professor de Geografia sem ter o acesso a recursos para melhorar o ensino na Amazônia, terá que construir formas ou métodos de ensino para que os alunos possam obter uma aula proveitosa. Desta forma para que tenha uma aula de qualidade, é preciso de apoio de órgãos públicos para disponibilizar recursos para a elaboração de trabalhos sofisticados. De acordo com que a tecnologia avança, os professores também precisam avançar suas técnicas de Ensino no propósito de melhorar a educação, principalmente na Amazônia, que é considerada atrasada em meios tecnológicos (Mar-2).

O mundo tecnológico evoluiu em grande escala, mas é uma pena que essa evolução não chegue em todos os cantos, principalmente nas escolas, lugar que merecia ter as melhores tecnologias e incentivos do estado para que os professores pudessem ter meios facilitadores para ensinar aos alunos de forma mais lúdica e compreensiva.

Além do uso do livro didático existem outras formas do aluno aprender, com vídeos, jogos, filmes, aula de campo dentro e fora da escola, mas devido as dificuldades existentes na região Amazônica em que em algumas localidades mais afastadas nem rede de conexão de internet existe, então nestes casos é preciso o docente se reinventar para encantar os alunos com o que é disponibilizado a ele.

Dando continuidade as perguntas feitas ao discente Mar-2, quando questionado pela pergunta: Qual a importância das escolas e do Ensino de Geografia para você? Ele respondeu que:

> A escola é importante pois é nela que todos nós aprendemos a evoluir nossos processos cognitivos de ano a ano, com a socialização com pessoas diversificadas de costumes e culturas diferentes. Ali, é que somos conscientizados a obedecer às regras que irão nos sustentar para a vida toda, nos preparando para o mercado de trabalho (Mar-2).

O discente Mar-2 relatou sobre a importância da escola que serviu para ele quando aos processos cognitivos e de socialização. Diante deste relato percebemos que papel da escola é primordial na vida do sujeito, pois é na escola que aprendemos coisas que vão além do conteúdo trabalhado em sala de aula, como nos relacionar no meio social.

Dando início a história de vida do discente Mar-3 ele relatou quais caminhos percorridos por ele até chegar ao sujeito professor (a)? pois mesmo ainda não estando formado, já teve a oportunidade de ter experiencia docente nos estágios supervisionados da graduação.

> O primeiro contato com a escola ocorreu aos oito anos de idade, o que é considerado fora do padrão se comparado com a maioria dos estudantes da educação atual do Brasil. O motivo deste atraso se deve ao fato de que eu venho de uma família simples de agricultores que moravam na zona rural, moradores em um travessão localizado as margens da BR 230, na época situava-se entre os municípios de Altamira e Pacajá, hoje município de Anapu.
> Nesse tempo e talvez até nos dias de hoje uma pessoa que mora na zona rural claramente tem dificuldades em se estabelecer na escola até a conclusão do Ensino Fundamental e Médio. Isso se deve às dificuldades enfrentadas pela família, o que os leva a colocarem seus filhos para trabalhar desde crianças, para poder assim garantir o sustento familiar. Meu pai decidiu comprar uma casa em Anapu, no ano de 1996, ano em que eu pude frequentar a escola pela primeira vez. Nos anos seguintes, continuei estudando, até concluir o Ensino Fundamental e Médio.
> No ano de 2006, conclui o Ensino Médio, já estava com dezoito anos e eu precisei começar a trabalhar. Após me inserir no mercado de trabalho as possibilidades de estudar se tornavam cada vez mais remotas, após alguns ano afastado foi no ano 2018 que pensei em voltar a estudar. Fiz vestibular neste mesmo ano pela primeira vez, o qual acabei optando pelo curso de Licenciatura em Geografia e fui aprovado (Mar-3).

Trabalhar para sustentar a família ou estudar? É uma decisão difícil de tomar, pois conciliar os dois é possível, mas é árduo, por isso na maioria das vezes os jovens ingressam na escola e na universidade tardiamente, ou nem ingressam pelo fato de precisar trabalhar para garantir seu sustento e o da família. Em sua história de vida nesta primeira pergunta a Cena 1 vai de encontro com a Cena 2, pois o discente Mar-3 relata que veio da zona rural (relembrando das suas origens) e que estudar estava quase em último lugar nas suas escolhas, pois tinha que ajudar o seu pai no trabalho, mas logo teve que fazer novas escolhas que lhe levaram a novos empregos, e ao curso de Licenciatura em Geografia, que cursa atualmente, destacando suas vivências cotidianas, na Cena 2 da Compreensão Cênica de Marinas, os relatos cotidianos podem se entrelaçar entre passado e presente.

Respondendo à pergunta: Como e por que escolheu a profissão docente e por que em Geografia? O discente Mar-3 discorre que:

> O motivo de ter escolhido a Geografia me traz lembranças da sala de aula, as disciplinas de História e Geografia eram as minhas favoritas. Alguns professores que tive oportunidade de conhecer na sala de aula, me influenciam de certa forma passando conteúdo dos quais gostava muito, principalmente aqueles voltados para os problemas sociais e históricos vividos pela humanidade (Mar-3).

O discente em sua resposta relata que quando escolheu ser docente e em Geografia teve influência enquanto estudante no ensino básico, pois as aulas e os conteúdos que os professores ministravam o chamavam atenção, principalmente no que tange os problemas sociais e históricos que podemos trabalhar com maestria no componente de Geografia.

Na pergunta: Quais desafios e perspectivas em ser professor(a) de Geografia na Amazônia? O discente pontuou algumas falas que os outros discentes citaram em algum momento nas suas falas, tais como a falta de recurso, de material didático diante disso ele narra que:

> O professor tendo a região Amazônica como realidade, o ensino se torna mais desafiador, principalmente quando se trata de Estudos Amazônicos. Infelizmente há a dificuldade de se encontrar livros didáticos disponíveis em todas as escolas. Outro problema também é a falta de recursos, que dificulta o acesso do professor a equipamentos tecnológicos que poderiam ajudar a fazer com que as aulas se tornem mais atrativas (Mar-3).

Talvez o mais desafiador em ministrar aula na região Amazônica seja a falta de materiais didáticos que possam facilitar e fazer com que as aulas sejam mais atrativas, os alunos hoje com a informação na palma da mão através de um celular, pode achar o professor e o uso do livro didático enfadonhos, e além do livro didático que não deixa de ser importante, os professores precisam de meios inovadores para que os alunos prestem atenção na aula e que compreendam o que foi ensinado naquele dia.

Quando o discente Mar-3 é questionado com a pergunta: Qual a importância das escolas e do Ensino de Geografia para você? Ele relata da seguinte maneira:

> A escola é um ambiente de interação entre estudantes, onde se ensina e aprende a viver em sociedade, se transmite o conhecimento científico, que serão utilizados pelos estudantes em suas profissões por toda a vida. Desta forma, o Ensino de Geografia é importante no aprendizado, ele vai ajudar os alunos a se localizarem, compreender as composições sociais e hábitos humanos em diferentes lugares, que são importantes para entender a vida em sociedade, bem como os problemas de sua própria realidade (Mar-3).

Assim como nas outras narrativas discentes, o discente Mar-3 narra sobre a importância das Escolas e do Ensino de Geografia, sobre a importância do ensinar e do aprender e sobre conhecer a ciência geográfica para interação de mundo, da importância do professor e do componente Geografia para os alunos e para o mundo.

Considerações finais

O Ensino de Geografia, dentre tantos outros significados que têm, possui um significado importante que é situar o sujeito no mundo, seja conhecendo seu lugar, seu espaço geográfico, seu território ou sua paisagem, sabendo se localizar em cada um

destes e conseguindo interpretar as diferenças que existem entre estes conceitos que são fundamentais para a leitura de mundo.

Entre Pérolas e Mares tivemos falas importantes quanto a importância do componente curricular Geografia, que ser professor é uma das principais profissões, pois contribui de forma direta na formação de diferentes pessoas e uma das mais desafiadoras por não ser valorizada como deveria, por não investirem em recursos que facilitem a vida do professor em sala de aula, dentre outras pontuações que foram relatadas.

Para análise das narrativas foram utilizados as Cenas 1 e 2, (Marinas, 2007), Cena 1 momento de enunciação, no caso desta pesquisa que foi feito de forma escrita, a análise foi por meio das respostas dos discentes, a fim de interpretar como o narrador descrevia seu cotidiano, sua vida escolar, acadêmica e qual motivo o fez escolher a carreira docente e como ele se relacionava no seu meio social, momento de refletir as experiências e vivências de cada narrativa dos discente.

A Cena 2 aborda das relações sociais do seu cotidiano, sua vida familiar, de estudante, no qual ajudou na formação da sua identidade pessoal e profissional. As cenas 3 que são aquelas consideradas esquecidas são as mais difíceis de descobrir, e devido as narrativas terem sido escritas não teve como os pesquisadores prestar atenção nos seus sentimentos e gestos em comparação a uma narrativa feita presencial, em que o ouvinte é capaz de notar algumas informações em palavras soltas.

As cenas 1, 2 e poucas vezes a Cena 3 surgiram principalmente nas perguntas: Quais caminhos você percorreu até chegar ao sujeito professor(a)? Como e por que escolheu a profissão docente e por que em Geografia? Pois nestas eles falam sobre momentos importantes da sua vida de forma que sua identidade foi construída e quais influências tiveram para a escolha docente.

Nessa perspectiva, os discentes da Universidade Federal do Pará, apontaram que a escolha da profissão docente se deu por influência de um ou mais professores no Ensino Fundamental e Médio, docentes estes que lhes marcaram de forma significativa na maioria das narrativas de forma positiva por meio do seu modo de trabalhar os conteúdos em sala de aula, suas diferentes metodologias e que se complementa com a influência familiar, pois alguns dos discentes têm professores(as) na família, inclusive docentes de Geografia. Foi identificado também que parte deles escolheram a Geografia, por morarem na Região Norte e verem a ciência Geográfica como ponte para que se conheça as diversidades do lugar em que se vive.

Por fim, estamos sempre em busca de conclusões, resultados e mais conhecimentos em diferentes áreas, mas na vida docente chegar a conclusões precisas

pode ser um caminho longo ou talvez um lugar inexistente. Como minha vó Dionízia Rodrigues sempre diz: "Quem quer ser professor tem que viver estudando", e isso é uma verdade, concluímos a graduação e logo os olhos brilham para uma pós-graduação para que se agregue mais conhecimento, e fazer o uso das histórias de vida dos discentes de Geografia gera um material significativo para quem deseja seguir a carreira docente, pois através das narrativas (auto)biográficas os leitores podem conhecer a historicidade destes, gerando valorização e voz a quem narra, conhecer a história do outro é um modo de agregar aprendizados para si, pois, dependendo de como o ouvinte ou o leitor interpreta uma narrativa, pode gerar efeitos na construção do seu saber e conhecimento, pois as narrativas (auto)biográficas são feitas a partir das histórias de vida, que construíram e deram identidade a um sujeito, como pensam, como se relacionam e como podem refletir a isso enquanto sujeito envolvido em sociedade.

Referências Bibliográficas

ALTAMIRA, Documento Portaria de Lotação dos Servidores Públicos Municipais Da Secretaria Municipal da Educação de Altamira Nº 17/2024, Prefeitura Municipal De Altamira - Pará – 2024.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Dimensões epistemológicas e metodologia da pesquisa (auto) biográfica**: Tomo I, Natal: EdUFRN; Porto Alegre: EdiPUCRS; Salvador: EdUNED, 2012.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Biografização/heterobiografização: elaboração memorialística de uma personagem auto(hétero)biográfica em formação docente. **Revista Linhas Críticas**, Brasília, v. 29, p. 01-21, 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação. Lei N 9.394, de 20-12-1996.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática.** 2 ed. São Paulo: Papirus, 1992.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

COPATTI, Carina. **Professor, Livro Didático e a Autonomia Docente** - olhares sobre a Docência em Geografia. Vol. 2. Curitiba: Editora CRV, 2020.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. **Como nos tornamos professoras?** 2. ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução: José Claudio e Julia Ferreira São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Trad. Maria do Carmo Monteiro Pagano. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 63, p. 413-438, 2007.

JOSSO, Marie Christine. Processo autobiográfico do conhecimento da identidade Evolutiva singular-plural e o conhecimento da epistemologia existencial. In: ABRAHÃO, Maria Helena

Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento (orgs.). **A Aventura (Auto)biográfica.** Porto Alegre: EdiPUCRS, 2016.

LOPES, Debora Cristina; HAGEMEYER, Regina Cely de Campos. Narrativas (auto) biográficas e a identidade profissional docente em Geografia: as contribuições do diário narrativo. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 13, n. 23, p. 05-27, 2023.

MARINAS, José Miguel. **La escucha en la história oral.** Palabra dada. Madrid: Síntesis, 2007.

MENEZES, Victória Sabbado; COSTELLA, Roselane Zordan. O método (auto) biográfico na formação inicial de professores de Geografia. **Geografia Ensino e Pesquisa**, Santa Maria, v. 25, p. 01-27, 2021.

MENEZES, Victória Sabbado. **"Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos..." professores**: das narrativas (auto) biográficas docentes à ressignificação de (Geo) grafias. Tese (Doutorado em Geografia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, coleção Ciências da Educação,1992.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.) **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTAMARINA, Cristina; MARINAS, José Miguel. Histórias de vida y historia oral. In: DELGADO, Juan Manuel; GUTIÉRRES, Juan (Orgs.). **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1994.

VALLERIUS, Daniel Mallmann. **A identidade profissional cidadã e o estágio supervisionado de professores de Geografia**. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2017.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? In: **Educação e sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, 2007.

Recebido em 22 de março de 2024.

Aceito para publicação em 12 de dezembro de 2024.